

O LIVRO E SUAS SILENCIOSAS NARRATIVAS

DUARTE, Márcio ¹

RESUMO

O presente artigo foi baseado nas apresentações das docentes Profa. Dra. Guiomar Biondo e Profa. Dra. Letícia Carrara para a disciplina de Tópicos de Design Industrial do Programa de Pós-graduação em Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (PPG-Design) da UNESP. Apresenta o tema do livro sem texto e suas referências quanto ao universo imagético no qual o ser humano está inserido e suas significações ante o repertório individual de cada um.

Palavras-chave: Livros sem palavras; Design editorial; Alfabetismo visual.

ABSTRACT

This article was based on the presentations of Profa. Dra. Guiomar Biondo and Profa. Dra. Leticia Carrara to discipline Topics for the Industrial Design in PPG-Design at UNESP. Presents the theme of the book without text and its references and imagery in the universe which man is inserted and their meanings before the repertoire of each individual.

Keywords: Wordless books; Editorial design; Visual literacy.

1 Introdução

O livro por sua estrutura mais simples, entendemos um agrupamento de páginas as quais sequencialmente, apresentam uma narrativa textual. Esta narrativa pode ser acompanhada de ilustrações ou imagens que complementam as histórias idealizadas pelo autor e contribuem para o imaginário do leitor que, ao relacionar o texto ao seu repertório pessoal e as informações visuais das imagens, transformam suas impressões pessoais combinando-as as ideias do autor, contribuindo para que possa compreender o enredo e acompanhar o ritmo da narrativa apresentada.

Um fator a ser considerado é o de sermos alfabetizados e dependentes das informações textuais, porém, vivemos em um mundo imagético, onde tudo é representado por símbolos e formas, criando um outro alfabeto, como citado por Dondis (2004) o "alfabeto visual". Desta forma, o leitor é convidado a interpretar as imagens e formas a fim de perceber este ritmo narrativo apresentado, mas sempre amparado por recursos textuais, a fim de garantir um entendimento correto das

¹ Mestre em Design. Docente Moda, Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP) – Marília/SP, profmarcioduarte@gmail.com

mensagens. Desta forma, como apresenta Biondo (2011), há uma tríade *Compreensão – Interpretação – Aplicação* necessária para organizar o entendimento textual, dando sentido à leitura construindo os significados necessários para que se faça existir esta mensagem, para tanto é necessário que sejam conhecidos os códigos (textual) para que se faça sentido.

2 Os livros (de texto)

Segundo Domiciano (2007), o livro é um objeto bastante conhecido e aparentemente simples, no qual se vale de processos produtivos para ser elaborado, normalmente esta tarefa é realizada por um designer para melhor escolher quais materiais se adequam ao projeto deste livro, é o projeto editorial. Mas este processo implica em informações textuais para elaborar a mensagem a ser transmitida pelo livro e é função do designer criar um projeto gráfico capaz de atender as expectativas do leitor ao percorrer as folhas acompanhando o fluxo da estória. Necyk (2006) acrescenta que um projeto editorial possui características básicas e, uma das principais é que contenha texto e diálogos organizados de forma a serem compreendidos pelos leitores.

Esta concepção de um livro sendo construído por uma sequencia de páginas e o texto como elemento principal percorre a cada indivíduo de forma que, ao percebermos o meio no qual as imagens fazem parte como um elemento decorativo.

Araújo (1986), apresenta o livro como um projeto onde o diagramador deve considerar a legibilidade como um fator fundamental para a sua construção visual. É esta legibilidade que compõem o ritmo de leitura do título como um todo, sempre sendo considerado o texto como elemento principal da composição das páginas. Mesmo em sua estrutura formal, o livro é dividido por suas partes pré-textuais, textuais e pós-textuais, que organizam a ideia em começo, meio e fim, dando o citado ritmo e também contribuindo para nortear o leitor ao folhear suas páginas, de forma estritamente técnica e fria.

Porém, o livro possui um caráter mais pessoal, o texto necessita de interpretação e estas aparecem nos meandros das palavras, onde o leitor coloca sua imaginação para visualizar um cenário, criamos ilustrações através de imagens gravadas em nossa mente, podemos visualizar o enredo de uma estória graças aos momentos já vividos, as experiências já passadas, o repertório individual cria, para

cada leitor, uma imagem diferente, com cores e objetos enriquecendo os detalhes a um nível único e jamais possível de reprodução. Mas ainda assim, temos uma relação distante quando temos que entender apenas as ilustrações ou imagens de um livro.

3 O livro de imagens

Ao iniciarmos nossa vida, já identificamos desde cedo formas básicas, e isso nos acompanha por toda a vida, sem legendas. Mas porque não podemos continuar a conviver com essas imagens de forma amigável? Talvez por não sermos acostumados a perceber os símbolos ao entorno. Como relaciona Cândido (2003):

A capacidade de percepção pode ser desenvolvida através de estímulos. O esquimó, por exemplo, percebe variados tons de branco na neve. Sabe que as nuances representam diferentes espessuras de neve, o que facilita, assim, a localização de caminhos menos perigosos. A percepção acurada da cor branca foi desenvolvida por um estímulo advindo de uma necessidade vital (CÂNDIDO, 2003).

Isso demonstra como as imagens podem ser percebidas e processadas por nós de forma a compreender o que elas transmitem, sem precisar de explicações. As imagens televisivas, educam as crianças colocando em seu repertório pessoal, imagens que elas talvez não reconheçam, mas que se manifestam de forma clara quando frente ao objeto real. A imagem simbólica e a realidade podem ser claramente distintas por uma criança, mesmo que ela se perca em pensamentos fantasiosos.

Em livros de imagens não há interpretações distintas, apenas uma representação de um momento. Não há a necessidade de conhecer pois, se apresenta de maneira clara e direta.

Da mesma forma, a ampla fluência que as imagens oferecem, até mesmo de maneira aleatória, proporciona uma riqueza de significações muito mais ampla que o texto verbal, linear, pois suas inter-relações podem criar variantes sobre um mesmo foco da narrativa. Necyk (2006) comenta que no Séc. XIX as ilustrações serviam para guiar a informação e controlar o entendimento das teorias pedagógicas, mas com as imagens a interpretação se dá pelo próprio leitor, que é responsável estória e seu desenrolar.

4 O livro sem texto

A ideia do livro sem texto não quer dizer que ele necessariamente precisa de imagens. A construção do livro enquanto objeto de design é algo que transcende as imagens puras e se converge em formas e outros recursos capazes de transmitir, instigar e interagir com o leitor ao ponto de não precisar de texto verbal, ao menos em sua forma tradicional. Ao mesmo tempo que se pode inserir informações visuais que narrem uma história, a própria combinação de objetos podem exercer este papel. Os livros sem palavras são sinônimos de livros de imagens, álbum de figurinhas, e outras denominações citadas por Camargo (apud DOMICIANO, 2007), se valem deste recurso para criar estímulo ao leitor que será o co-autor da história, ordenando as imagens e atribuindo significados às páginas. Mas não somente de imagens vive um livro sem texto.

Munari, em seu “Livro ilegível” (1955), nos apresenta um livro onde é levado em consideração apenas o suporte, o papel e suas possibilidades. Com cortes, ângulos, texturas, narram as percepções de quem manuseia o livro-objeto, possível de ser “lido” a partir de qualquer página e em qualquer ordem. Outras interferências que ocorreram neste período que antecederam os Pré-livros, outro experimento de Munari, foi o livro “Na noite Escura” (1962), onde apresentam formas mais inovadoras de apresentar uma narrativa com uma caverna recortada em seu interior, onde a cada página, uma nova informação é apresentada. Os formatos inseridos instigam o leitor a olhar dentro, ou seja, a virar a cada página esperando alguma surpresa.

5 Os pré-livros

Estes livros, assim chamados pela sua forma, busca inserir o repertório e a experimentação em um nível extremo, criando situações abstratas e únicas, sugerindo direções e narrativas inusitadas a cada vez que se folheia, ou melhor, que se manuseia o livro.

Assim, também apresentado por Bruno Munari, ousa ao apresentar não um mas uma série de livros com texturas e objetos inseridos de tal forma que força o leitor-usuário a interagir com o que lhe é apresentado, um dos volumes apresenta um botão que instiga a ser fechado, outro possui uma linha atravessando todas as suas páginas (MUNARI, 2002).

Domiciano (2007) narra partes de suas experiências desenvolvendo, junto aos alunos a qual lecionava, este conceito de pré-livros, os quais foram, inclusive, ferramentas de análise junto às suas pesquisas. O instinto de investigação está amplamente inserido neste conjunto de formas e elementos os quais superam as barreiras da linearidade e coerência, criando a cada página um novo enredo, uma nova significância.

Os pré-livros são caracterizados por serem constituídos em sua totalidade de formas e texturas, objetos que isolados não possuem um significado literário, mas ao ser trabalhado juntamente ao seu contexto formal, adquire um conjunto de informações possível de verbalizações infinitas, sendo limitada apenas pelo seu interlocutor.

6 Considerações finais

A literatura, grandemente participa da vida de todos, de alguns de maneira mais incisiva, outros possuem uma obrigatoriedade, ou mesmo para fundamentar seu aprendizado escolar, mas o livro sempre faz e fara parte do cotidiano. Um objeto simples, e quase sempre indiferente aos moldes de séculos atrás.

Porém, na concepção de um livro, seu projeto gráfico-editorial deve contemplar varias etapas, entre elas a de condizer com o que o leitor espera dele, seu formato e seus elementos, textuais ou não, devem verbalizar uma estória pensada e transmitida para o suporte, e agora não pensando somente no papel, que é possível estar criando novas possibilidades de se criar livros e objetos manuseável capazes de despertar aos leitores o desejo de sempre estar relendo e criando novas relações entre as partes do todo.

Enquanto livros textuais, se ilustrados, que estas imagens não sejam meros elementos decorativos. E no caso de livros de imagens, que estas façam seu papel de transmitir um ritmo narrativo que possa surpreender ao ser modificado por outras variações não lineares de leitura.

Os pré-livro são o melhor exemplo de como a desconstrução dessa linearidade é possível e compete ao leitor sua construção de significados. Ao utilizarmos de formas e cores para produzir uma mensagem, retornamos ao início do processo, onde vivenciamos imagens e formas para construir nosso repertório pessoal,

que nos dará suporte para que possamos entender e compreender o mundo de imagens e ícones que nos perseguirá durante toda a vida.

Vale lembrar que estes exemplo de livros são, normalmente, direcionados para um público – leitor infanto-juvenil, foi intencional não citar faixas etárias a fim de proporcionar uma breve reflexão sobre as possibilidades de se explorar tais recursos gráficos e editoriais. E, ainda estabelecer um inicio de projeto de um hiper-livro, onde as ligações possam ser não apenas não lineares fisicamente, mas que se possa criar contexto eletrônicos e multimidiáticos que contemplem este fazer pensar e construir novos significados ao objeto livro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, E. *A construção do livro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CÂNDIDO, A. F. *Mais além: a especificidade da literatura infantil como instrumento de estímulo ao desenvolvimento da linguagem*. Dobras de Leitura, ano IV, número 16. 2003. Disponível em: <<http://www.dobrasdaleitura.com>> . Acessado em 20 julho de 2011.

DOMICIANO, C. L. C.; COQUET, E. Livros sem texto para crianças pré-escolares: produção e leitura. *16º Congresso de Leitura do Brasil - COLE*, 1., Campinas, 10 a 13 jul. 2007. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: ALB. 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss15_02.pdf> .Acessado em 15 julho de 2011.

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MUNARI, B. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NECYK, B. J.; CIPINIUK, A. Imagem e narrativa no livro infantil contemporâneo. *Anais do V Simpósio do LaRS – 2006: Illicite Errore*. Rio de Janeiro: Departamento de Artes & Design / PUC-Rio, 2007. Disponível em: <<http://www.dad.puc-rio.br/nel/artigos/06-necyk-lars.pdf>> . Acessado em 15 de julho de 2011.